

Viva a Boa Vontade!

Recife é uma metrópole polarizada, dividida, de mundos que pouco convivem. É preciso boa vontade para enfrentar a violência das ruas e se encontrar, para ultrapassar preconceitos econômicos e culturais e se agrupar, para se redescobrir gente e viver contente. Pois este livro, sobre o Grupo da Boa Vontade, é um testemunho de que milagres acontecem e a vida pode ser mais bem vivida, quando dividida. A história começou em tempos de Dom Helder, com irmãs inseridas em uma das regiões mais carentes da cidade, que despertaram a coragem, sobretudo de mulheres, para se encontrarem semanalmente para rezar em torno da Palavra de Deus, para exercitarem a ajuda mútua e a caridade que marcavam o cristianismo dos primeiros tempos.

Hoje, o Papa Francisco está fomentando uma Igreja mais participativa, através de Conselhos e de Ministérios assumidos comunitariamente, bem como uma Igreja mais engajada na transformação humanista da sociedade, que continua se desumanizando por individualismos e grupos fechados em interesses mesquinhos. Para fundamentar essa compreensão do sujeito cristão, tão bem retratada na história do grupinho da Boa Vontade, lembramos que no cristianismo primitivo toda a comunidade tinha um caráter “sacerdotal”, na medida em que sua vida comunitária devia participar da “obra sacerdotal” de Cristo. Não simplesmente na celebração litúrgica, mas no empenho amoroso da vida de cada um e de todo cristão, devido ao poder transformador do único sacrifício de Cristo.

Porém, na medida em que a Igreja foi crescendo, já no século III, tornou-se mais comum distinguir entre os cristãos ordenados para as celebrações públicas (o clero) e os não ordenados (os leigos). Depois, o aparecimento do monaquismo aprofundou essa distinção, entre leigo e monge, o qual devia se devotar à espiritualidade. Com isso a liturgia passou a ser privilegiada e se tornou assunto clerical, ficando os leigos reduzidos a espectadores e deixando até de receber a comunhão. Essa ideia de classes tornou-se forte na eclesiologia católica, até que o Concílio Ecumênico Vaticano II recordou que a vida de todo cristão é sacerdotal, na medida em que ele se entrega ao poder do amor, encarnado na autodoação salvífica de Jesus. E o ministério cristão ordenado é revisto como uma chamada para servir e coordenar esse sacerdócio de todos os batizados.

A Igreja, pois, é esse povo enviado ao mundo em missão para construir o Reino vindouro de Deus, povo que olha para o futuro com humildade e esperança. A fé, o batismo e o discipulado são, pois, realidades fundacionais na Igreja. Todos os cristãos, em virtude do seu batismo, participam do sacerdócio de Cristo, e todos são chamados a entregar suas vidas a um sacrifício vivo de santidade. É isso mesmo que emana dessa história de um grupinho de senhoras nos confins da Mangueira, no Recife: um laboratório de comunidade cristã de base, onde a Igreja, pelas casas das famílias, está se recriando em seu sentido mais genuíno.

Os documentos da CNBB afirmam que os cristãos leigos e leigas devem ser convocados a participarem consciente, ativa e frutuosa dos processos de planejamento, das decisões e execução da vida eclesial e da ação pastoral através das Assembleias paroquiais, diocesanas, regionais e nacionais, e os Conselhos pastorais, econômico-administrativos, e missionários, em todos os níveis. Mas somente quem participa de um grupinho de base, como o da Boa Vontade, pode alcançar esse chamado e missão.

A formação integral é fundamental para que as leigas e leigos cresçam na fé, no testemunho nas diferentes realidades, sejam presença dos valores evangélicos na sociedade, contribuam significativamente neste momento de mudança de época que está surgindo, e pode ser

melhor ativado sobretudo através do reconhecimento do protagonismo das mulheres e dos jovens. O grupinho da Boa Vontade é uma escola que encarna esse reconhecimento.

No campo da política, lembram as diretrizes da Igreja, é preciso impulsionar os cristãos a construírem mecanismos de participação popular que contribuam com a democratização do Estado e com o fortalecimento do controle social e da gestão participativa do espaço público. No mundo do trabalho, é preciso criar grupos de partilha e de reflexão para os diferentes profissionais, estimulando-os a serem discípulos missionários em sua atuação cidadã. No âmbito das famílias, devemos apoiar a pastoral familiar, para que as famílias possam educar os seus filhos para uma alegria esperançosa e caridosa e para a defesa da vida. É também necessário fortalecer as pastorais sociais em espírito missionário para responder às necessidades de cada realidade de exclusão e sofrimento. Que elas se articulem entre si e com os movimentos sociais, atuando na democracia direta e participativa, por meio dos Conselhos de Cidadania e na proposição de políticas públicas de inclusão. Fica aqui o desafio para as “meninas da Boa Vontade”: ligarem-se a uma rede mais ampla de grupos de oração e de ação política.

Os cristãos do Recife, todavia, agradecemos penhorados ao Grupo da Boa Vontade pela sua história, que deve fecundar outras, e agradecemos também à escriba desse relato, que tem sabor de história da salvação: uma narrativa de pessoas que se retiram do centro de suas vidas, colocando aí os outros que refletem os desejos de um Grande Outro. Pois bem, já sabíamos que ela era uma santa, pela convivência com Maristela Velozo no Liceu e na Universidade Católica de Pernambuco, onde colabora sem medidas para a educação das novas gerações do Recife. Mas, com este livro, descobrimos que a santidade dela tem raízes e antigas, em uma comunidade viva em que dá gosto ser cristão.

Muito obrigado, então, a Maristela e ao seu Grupo, pelo testemunho inspirador. Viva a Boa Vontade!

Gilbraz e Isaura,

amigos do Caminho.